

KWAME NKRUMAH E A VISÃO PAN-AFRICANA: ENTRE A ACEITAÇÃO E A REJEIÇÃO

Henry Kam Kah¹

Introdução

A visão pan-africana sobre os Estados Unidos da África foi e ainda é expressada de maneira similar (ou não) pelos africanos no continente e também por seus descendentes espalhados pelo mundo. Sua origem humilde e difusa é atribuída a diversas pessoas com base em suas experiências ao longo do tempo. Entre alguns de seus defensores estavam Henry Sylvester Williams, Marcus Garvey e George Padmore, Peter Abrahams, Jomo Kenyatta, Sekou Toure, Julius Nyerere e Kwame Nkrumah da África do Sul, Quênia, Guiné, Tanzânia e Gana respectivamente. Apesar das diferentes visões pan-africanas no continente, Kwame Nkrumah está, sem dúvidas, em um nível elevado e talvez comparável apenas a Mwalimu Julius Nyerere. O pan-africanismo se tornou o pilar de sua luta pela independência de Gana e de outros países, bem como pela unidade política do continente. Para transformar essa visão em realidade, Nkrumah mobilizou as massas ganesas por meio de apelo popular. Além de seus discursos eloquentes, ele também se engajou em escritas persuasivas. Estas escritas permanecem mesmo após sua morte e são tão atraentes hoje quanto eram então. Kwame Nkrumah aproveitou cada oportunidade de articular persuasivamente um Governo de União para toda a África. Graças a sua inabalável visão sobre um Governo de União para a África, o visionário Nkrumah criou um microcosmo da União Africana (UA) através das Uniões Gana-Guiné e, posteriormente, Gana-Guiné-Mali. Ao defender a necessidade dos Esta-

¹ Departamento de História da University of Buea, Camarões. E-mail: henry.kah@ubuea.cm

dos Unidos da África, ele fez tanto amigos quanto inimigos. O impacto da visão vigorosamente defendida por Nkrumah sobre uma União Africana ainda possui relevância hoje entre os africanos, até mesmo entre aqueles que consideram sua visão realisticamente idealista. Suas ideias sobre os Estados Unidos da África colocaram-no entre a aceitação e a rejeição ou negação. Os líderes que se opõem a tais ideais possuem uma inclinação egoísta, que visa a beneficiar a eles e seus apoiadores do mundo ocidental. A atual investida sobre o povo e os recursos africanos ainda exige uma reflexão sobre o conceito de União Africana como proposto e defendido por Kwame Krumah.

Visões pan-africanas

Há muitas noções sobre pan-africanismo. Este ideal evoluiu ao longo do tempo, mudando de um foco para outro e ampliando sua definição e prática. Tais visões diversas sobre a África continental se dão na tentativa de dar visibilidade e importância para a África, mesmo que no sentido negativo. Algumas noções de pan-africanismo também enfatizaram a importância de uma maior colaboração e união dos países africanos em relação a certos assuntos, tais como mudanças climáticas e terrorismo. Outras visões estão no centro da desunião e do conflito dentro de e entre alguns países, como Sudão do Sul, Somália, Mali, Nigéria, entre outros. Tem sido argumentado que o pan-africanismo é um movimento global de união da África e seu povo contra a opressão e exploração racial, relacionadas à hegemonia europeia na região. M'bayo e Okhonmina também opinaram que o pan-africanismo envolveu esforços para mobilizar os africanos contra o colonialismo e o racismo, bem como foi a base para a união da África por meio da UA (Kuman-Abiwu 2013, 124).

Estas duas visões, definições ou explicações acerca do pan-africanismo parecem similares, mas são muitos diferentes. Na primeira noção, Williams, como citado em Kuman-Abiwu (2013, 124), preocupa-se mais com a união dos negros ao redor do mundo inteiro contra o controle hegemônico dos Estados Unidos e da Europa. Ele aparentemente convida a todos os negros que vivem no Caribe, América Latina, Estados Unidos e demais partes do mundo a se unir como grupo e articular suas queixas em comum. Estas queixas são a sua opressão e

exploração. M'bayo e Okhonmina dão ênfase à necessidade de mobilizar os africanos no continente contra o colonialismo e o racismo. Eles veem o pan-africanismo como essencialmente um problema daqueles que residem no continente e são aparentemente cegos ou deliberadamente não se importam com a situação dos negros em outros lugares do mundo, principalmente na América Latina. Sua menção ao racismo, no entanto, é relevante para o pan-africanismo que vai além dos africanos residindo no continente. O racismo tem sido um problema comum ao povo africano, bem como a seus amigos e parentes em outras partes do mundo. Sua visão do pan-africanismo é também limitada por seu apelo somente ao colonialismo; hoje, o pan-africanismo também é usado para lutar contra o neocolonialismo em todas suas formas.

A UA também já declarou qual sua visão sobre o pan-africanismo. De acordo com este organismo continental que sucede à OUA, pan-africanismo é:

Uma ideologia e movimento que encoraja a *solidariedade entre africanos no mundo todo*. Ele é baseado na crença de que a união é vital para o progresso econômico, social e político, e visa a “unificar e elevar” o povo de linhagem africana. A ideologia afirma que *o futuro de todos os povos e países africanos está entrelaçado*. Em seu âmago, o Pan-africanismo é uma crença que o povo africano, tanto do continente quanto da diáspora, compartilha não somente uma história comum, como também um destino comum (Kumah-Abiwu 2013, 124 - ênfase do autor).

Essa noção de pan-africanismo, onde o progresso político e socioeconômico é trazido à tona, é compartilhada por Kimaryo (2013, 16-17). Ele também argumenta que o pan-africanismo, em seu âmago, é “uma crença que o povo africano, tanto do continente quanto da diáspora, compartilha não somente uma história comum, como também um destino comum” (Kimaryo 2016, 16-17). O pan-africanismo, de acordo com a UA, destaca uma série de questões destinadas a beneficiar a todos os africanos, onde quer que estejam. A UA argumenta que, para o pan-africanismo ser bem sucedido, a solidariedade dos africanos ao redor do mundo inteiro é necessária. Esta solidariedade irá levar ao progresso econômico e sociopolítica, que irá melhorar a vida do povo africano. Novamente, a UA define o pan-africanismo considerando a diáspora, que abrange os descendentes de africanos e também aqueles que migraram e se estabeleceram em outras partes do mundo. Apesar

de os destinos de todos os africanos e seus países estarem entrelaçados, é lamentável que alguns líderes africanos não tenham feito nada mais do que falar sobre sua defesa do pan-africanismo. Isto explica as dificuldades que a União Africana enfrenta para transformar a África em um Governo de União.

Outras articulações acerca deste conceito bastante amplo de pan-africanismo incluem a interpretação afrocêntrica. Esta visão trata sobre a dificuldade dos africanos para assentarem-se desde a era de 3200 A.C. Enquanto as noções eurocêtricas, por outro lado, dão ênfase ao pan-africanismo como uma resposta do povo africano ao escravismo e colonialismo. O desejo dos africanos de trazer de maneira segura seus irmãos e irmãs que foram tirados do continente foi, em si, uma manifestação de um espírito pan-africano. Este espírito também foi observado nas lutas nacionalistas dos países africanos, como no combate espiritualoso que Yaa Asantewaa, da Costa do Ouro, e Shaka Zulu, da África do Sul, travaram contra a dominação colonial europeia e seus comerciantes (Kumah-Abiwu 2013, 125). Estas lutas, assim como muitas outras, têm sido descritas em alguns círculos como a luta pelo pan-africanismo em razão da sua tentativa de livrar os africanos da dominação estrangeira. O afrocentrismo dentro do pan-africanismo parece, portanto, ter começado muitos anos antes do nascimento de Cristo, e não durante o comércio de escravos e de domínio colonial. Hoje, o povo africano e os negros do mundo inteiro não somente estão unidos em sua condenação do comércio de escravos transaariano e atlântico, como também em relação a todas as formas de escravidão perpetuadas pelos países desenvolvidos contra as economias emergentes na África e demais lugares. A dominação colonial levou à subjugação, mas hoje o pan-africanismo foca em outras formas de submissão, tais como o tráfico humano e a exploração arbitrária dos recursos africanos, incluindo todos os problemas associados a estas práticas.

Além disso, Motsoko Pheko argumenta que o pan-africanismo defende o uso de suas riquezas para o benefício, melhoramento, desenvolvimento e proveito do povo africano. Este é um sistema de partilha igualitária de comida, roupa, moradia, educação, saúde, riqueza, terra, trabalho, segurança de vida e felicidade. Isto também significa um privilégio dado ao povo africano: o de amarem a si mesmos e darem a si e a seu modo de vida respeito e preferência (Nyangena 2003, 5).

Esta percepção acerca do pan-africanismo é bastante atraente para as pessoas comuns que veem a pilhagem das riquezas da África, como o petróleo, produtos agrícolas e recursos florestais, entre outros, indo em direção ao Norte para desenvolvê-lo. Há pouca ou nenhuma melhora nos hospitais, estradas e eletricidade, a fim de beneficiar as áreas de onde são extraídos esses recursos. Não houve nenhuma partilha igualitária destes e outros recursos – que muitas vezes causam conflitos civis – em muitos países africanos.

Pontificando sobre pan-africanismo, Bujra (2002, 108-9) traça suas origens para o século XX. Ele argumenta que após 1900, quando as conferências pan-africanistas iniciaram, este não era mais simplesmente um movimento de protesto por parte do povo africano e seus descendentes no Caribe e Estados Unidos. Com início no século XX, o pan-africanismo se tornou uma arma com a qual nacionalistas africanos lutaram contra o domínio colonial. Outra perspectiva ligeiramente diferente de pan-africanismo é a de Che-Mponda (1987, 53), que argumenta que a unidade africana é um desejo genuíno do povo africano do continente em si e das ilhas circundantes. Ele explica isto em oposição à autodeterminação do povo africano segundo o colonialismo e imperialismo. Com a luta contra a subjugação veio a percepção de que a totalidade da África tinha uma frente comum. Esta origem histórica do pan-africanismo difere da interpretação afrocêntrica, que traça as origens do pan-africanismo para 3200 A.C. ao invés do século XIX. Apesar das diferenças de definição da origem do pan-africanismo, há, no entanto, consenso quanto ao movimento ter sido iniciado antes do século XX. A nova dimensão de Che-Mponda trata da vontade do povo africano de incluir também às ilhas circundantes no projeto de unidade do continente. Ainda que haja desejos genuínos de ver a África unida a partir de sua base, no topo ainda há um jogo de esconde-esconde por parte daqueles que detêm o poder nos diferentes países africanos.

A noção de pan-africanismo como apresentada por Ratcliff (2009, vi) é similar àquela de outros autores. De acordo com o autor, ele possui uma ideologia política, social e cultural, porém também é um movimento complexo que visa a melhorar os efeitos desumanos do “modelo eurocêntrico colonial/moderno global capitalista de poder”. Logo, o pan-africanismo é uma resposta à opressão racista e sexista e à exploração econômica de afrodescendentes. O elemento racismo surge

novamente como um problema central na definição de pan-africanismo: este movimento é visto mais ou menos como uma revolta contra o racismo e uma projeção da personalidade africana como dignificante. Radcliffe observa que, por meio de ações políticas, sociais e culturais, os países africanos foram capazes de desafiar as atitudes coloniais e neocoloniais da Europa, que foi e continua imersa no exercício de poder sobre outros povos. O povo africano deve, logo, lutar contra essa exploração sexista e econômica através do pan-africanismo, que é construído mais sobre união do que desunião.

Além disso, Nyamnjoh ainda oferece outra definição de pan-africanismo, a qual se constrói a partir de identidades múltiplas. Ele argumenta que o pan-africanismo trata de oferecer um espaço mental para identidades diferentes coexistirem em liberdade e dignidade. É uma aspiração flexível, inclusiva, dinâmica e complexa no exercício de construção e pertencimento identitário da comunidade global. O pan-africanismo é também definido por Adi e Sherwood (2003) como a percepção dos povos de origem e descendência africana de que eles possuem interesses em comum, os quais são subprodutos do colonialismo e do escravismo de povos africanos por parte dos europeus. Enquanto a noção de Sherwood é compartilhada por muitos outros, a de Nyamnjoh dá credibilidade às diferenças de opinião sobre qual deve ser a melhor definição de pan-africanismo. Ele examina as diferentes identidades que coexistem umas com as outras, ao que a África tenta se posicionar ou reposicionar na assim chamada comunidade global. Essa noção é mais acadêmica e não necessariamente reduz o que Kwame Nkrumah prescreveu para a África. Ele estava consciente de outras versões sobre o que deveria ser o pan-africanismo, porém argumentou que, para os africanos encararem os desafios do ocidente, eles precisavam de unidade política, ao que então toda outra forma de pan-africanismo seria atingida. Ele viu na unidade política uma grande África capaz de carregar em suas mãos seu próprio destino.

O pan-africanismo dentro da comunidade da Diáspora tinha a responsabilidade de dignificar o povo negro e servir como um elo político e cultural à África, com a qual ele desejava estar unido sentimentalmente. Para os africanos vivendo em solo africano, o pan-africanismo serviu como uma plataforma coletiva de identidade e como uma luta onerosa contra o colonialismo (Momoh 2003, 32). O pan-af-

ricanismo foi também concebido como um movimento para mudança política com ênfase profunda na identidade e na unicidade da África (Momoh 2003, 44). Essa noção da singularidade de todo o povo africano ou de tal descendência é recorrente na visão de muitas pessoas que já escreveram sobre pan-africanismo. O tema do colonialismo também vem à tona e mostra que a luta durante o período colonial era para o povo africano conquistar sua independência e liberdade em relação à subserviência colonial. Hoje, ao invés da ênfase no colonialismo, a discussão se dá ao redor do neocolonialismo, que se mostra mais prejudicial que o sistema anterior. A necessidade de a Diáspora trabalhar em conjunto em prol da unidade africana tem sido difícil, porém não impossível, dado que alguns africanos da Diáspora falham em trabalhar juntamente àqueles que são descendentes de africanos. Diferenças ideológicas e demais divergências entre eles e alguns defensores da unidade africana no continente tem dificultado a emergência de uma frente comum contínua contra a destruição global da África.

O Garveísmo, como uma variante do pan-africanismo, buscou erradicar as ideias de redenção africanas em uma forma organizacional concreta, ou seja, na Associação Universal para o Progresso Negro (Campbell 1988, 75). Enquanto o movimento pan-africanista dos anos 30 deu atenção ao estudo e entendimento do pan-africanismo por meio dos reinados e civilizações africanos anteriores ao colonialismo europeu (Campbell 1988, 76). O conceito “pan”, em si, é considerado um exercício de autodefinição por aqueles que estão no poder. O pan-africanismo, como exemplo deste conceito “pan”, foi uma manifestação da consciência nacionalista que levou à descolonização dos países africanos. O conceito é internacionalista pois busca a união das pessoas que vivem em um grande número de Estados juridicamente independentes (Campbell 1988, 78-9). Durante o período do colonialismo e do tráfico escravo, um dos principais princípios do pan-africanismo era o de que as pessoas de uma parte da África eram responsáveis pela liberdade de seus amigos e parentes em outras partes do continente e do povo negro de todos os lugares do mundo. O pan-africanismo é também uma filosofia na qual a África é lembrada como o lar espiritual de um povo africano unido, com ênfase na solidariedade e “fraternidade” entre todas as pessoas de origem africana. Ele tem, de fato, origens diferentes em relação ao pensamento político dos afro-americanos e caribenhos, bem

como em relação à elite africana educada na Europa nos séculos XIX e começo do XX (Sturman 2007, 3). Logo, há convergência e divergência de opiniões acerca do que é pan-africanismo.

A visão pan-africanista de Kwame Nkrumah

O venerado Kwame Nkrumah, nascido em Nkroful, Gana, em 1909, influenciou a história e a unidade africana de maneira significativa. Ele foi o mais ativo e destemido defensor da liberdade e unificação da África contra o imperialismo ocidental, bem como de uma série de ações que visavam à total consolidação dessa liberdade (Nyamnjoh e Shoro 2011, 2-3). Seus pensamentos foram moldados durante seus estudos nos Estados Unidos. Nos primeiros anos, ele escreveu sobre a necessidade de uma Federação da África Ocidental que permitisse aos africanos governarem a si mesmos sem interferências externas, como era o caso durante o período colonial (Sherwood 2012, 109-10). Asante (2012) tem apropriadamente argumentado que a visão de Nkrumah era política porém também mais do que isso, dado que era cultural, filosófica e, acima de tudo, afrocêntrica. A visão pan-africanista de unidade foi apoiada pelo conceito de Personalidade Africana e uma Identidade Africana não-racial (Dei 2012, 42-4), além do socialismo científico para toda a África (Poe 2003, 3; Lawson 2004, vii). O continente deveria aprender a partir de suas sociedades pré-coloniais, e não sacrificar esses valores em nome do progresso material (Frimpong 2012, 39).

Em diversos discursos na terra natal e no exterior, bem como em seus escritos, Nkrumah era claro quanto à natureza do Estado africano, ou seja, uma União dos Estados Africanos que zelasse por sua própria estabilidade, segurança e independência (Asante 2012, 17). No nível filosófico, Nkrumah, em seu livro *O Consciencismo*, disse que a África era capaz de evoluir sua própria ideologia e filosofia a fim de resolver a crise que afetava a consciência africana e estava afetando também sua sociedade. Ainda em conexão com o pan-africanismo filosófico, Nkrumah sugeriu que era necessário para a África harmonizar as três correntes culturais que existiam então nas sociedades africanas, sendo elas a africana tradicional, a cristã europeia e a islâmica (Biney 2012, 133). Ele acreditava que os polos culturais africanos eram capazes de levar à liberdade e ao respeito entre os povos (Dodoo 2012, 84). Nk-

rumah não mudou suas palavras quando disse, há mais de cinquenta anos atrás, que:

Se nós não formularmos planos para a unidade e darmos passos ativos para formar a união política, nós em breve estaremos brigando e guerreando entre nós mesmos, com os imperialistas e colonialistas atrás das telas puxando fios viciosos, para nos fazer cortar as gargantas uns dos outros em nome de seus propósitos diabólicos em relação à África (Quist-Adade e Chiang 2012, 1 - ênfase do autor).

Pelo excerto de Nkrumah, ninguém duvida que ele desejava a união política da África em razão das ações diabólicas dos países europeus na região. Ele estava ciente das consequências que sucederam um continente e um povo dividido. Em meados dos anos 60, a independente República Democrática do Congo caiu nesta armadilha. Os britânicos também mantiveram a Rodésia do Sul, para grande desgosto do povo, e a unidade da Nigéria foi ameaçada pela guerra civil de 1967 a 1970. Muitas décadas após a independência, diversos países africanos continuam se dividindo, incluindo a Somália, Líbia, Nigéria, Burundi, República Centro Africana, Sudão do Sul e Mali. O exemplo líbio mostra como, em 2011, o ocidente assassinou o Coronel Muamar Qaddafi e levou o país ao caos. Para além das disputas internas por várias facções, o Estado Islâmico tem encontrado um refúgio seguro em Sirte e outras cidades circundantes. Além disso, a crise migratória também é uma consequência da morte de Qaddafi. Estes cenários na Líbia, Mali e Somália estão dizendo o que Nkrumah havia antecipado há muitas décadas atrás, porém ninguém irá ouvi-lo. Em outro excerto profético de sua visão pan-africanista, Nkrumah opinou que:

Nós precisamos da força de nossos números e recursos juntos para nos protegermos dos perigos do retorno do colonialismo em formas disfarçadas. Nós precisamos disto para combater as forças arraigadas que dividem nosso continentes e ainda atrasam milhões de nossos irmãos. Nós precisamos disto para assegurar a total libertação africana... Atualmente, a maioria dos Estados independentes estão se movendo em direções que nos expõem aos perigos do imperialismo e neocolonialismo (Dastile e Ndlovu-Gatsheni 2013, 123).

A visão de Nkrumah ressaltou a importância da força na unidade e não na divisão. Os países africanos estavam se movendo em direções contrárias. Muitos países francófonos estavam ainda ligados a seu antigo mestre colonial, e outros, na África Oriental, guiados por Julius Nyerere defendiam com toda a força a necessidade de se atingir

uma unidade continental por meio de blocos regionais. Todas essas e outras forças expuseram os países africanos à avareza de seus inimigos. Nkrumah acreditava firmemente que, em união, o povo africano teria assegurado sua total libertação das dores do imperialismo e do neocolonialismo, as quais eram a regra de então e ainda permanecem desta maneira no mundo de hoje. Apesar de seus avisos acerca do retorno do colonialismo sob maneiras disfarçadas para destruir a África, suas palavras não foram ouvidas. Ao invés disso, alguns países, como a Nigéria, acusaram-no de estar buscando motivos para sua luta pan-africanista.

Confrontado com as forças extraordinárias do gradualismo e do pessimismo durante a histórica fundação da UA em 1963, Nkrumah expressou avidamente seus pensamentos acerca do pan-africanismo nestas palavras:

Se nós não nos juntarmos, se não nos unirmos, nós seremos todos jogados fora, todos de nós um por um – e eu também serei. A UA deve tomar uma decisão agora – nós podemos tanto andar em direção ao progresso através de nossa efetiva União Africana ou voltar para a estagnação, instabilidade e confusão – uma fácil presa para a intervenção, interferência e subversão externa (Dastile e Ndlovu-Gatsheni 2013, 126 - ênfase do autor)

Ainda neste encontro histórico em 1963, Nkrumah, falando sobre a necessidade da unidade africana, opinou que:

Assim como a nossa força se baseia em uma política, ação e desenvolvimento unificados, a força dos imperialistas se baseia em nossa desunião. Nós, na África, podemos somente enfrentá-los efetivamente apresentando uma frente unificada e um propósito continental. Nossa liberdade permanece à merce do perigo tanto quanto os Estados independentes da África permanecem separados (Muchie 2000, 1 - ênfase do autor)

Esta foi uma chamada fervorosa de alguém que tinha consciência da influência desestabilizadora dos países da Europa Ocidental. Ele ressaltou a necessidade de juntarem-se, unirem-se e moverem-se em direção ao progresso, uma frente unificada caso os líderes africanos se poupassem de se descartarem, um por um, incluindo a si mesmo. Isto significaria retrocesso, estagnação, instabilidade e confusão para o continente africano. Essa convocação não foi atendida pelos contemporâneos de Nkrumah. Pareceria que ele era inteligente demais para seus contemporâneos, visto que tudo que previu de fato se realizou.

O fracasso da união desacelerou o desenvolvimento e levou à saída de alguns líderes africanos como Qaddafi, como discutido anteriormente. Isso também levou à humilhação do ex-presidente marfinense Laurent Gbagbo e do sudanese Omar El Bashir, com ameaças de prisão pela Corte Criminal Internacional em Haia. Há estagnação das economias africanas com muitas delas ainda dependendo da produção de produtos primários; a industrialização continua um sonho para maioria delas. Outras estão presas nas teias dos empréstimos do Fundo Monetário Internacional (FMI). Houve confusão entre os Estados-membros da UA quando Muamar Qaddafi estava sob a misericórdia do Ocidente. Ao invés de posicionarem-se e condenar com afinco – e provavelmente entrar na guerra – na defesa de Qaddafi, muitos líderes ficaram em silêncio ou confusos acerca do que fazer. Muitos permanecem indecisos em uma ampla gama de assuntos envolvendo a África. O surgimento do terrorismo trouxe confusão acerca de como isso pode ser solucionado.

Os Estados Unidos da África teriam defendido o povo do neocolonialismo e da ameaça de fragmentação ou balcanização, bem como prevenido a África de ser um peão pra política da Guerra Fria (Lawson 2004, 122). Com um único governo federal comum, um presidente, uma moeda comum e políticas externas e econômicas comuns (Sturman 2007, 3), a África teria sido mais forte e capaz de moldar seu próprio destino. Como Cristo, o Messias, Nkrumah previu sua própria decadência causada pelos imperialistas. Ele não era o único. Outros tiveram e eventualmente enfrentaram o mesmo destino, assim como Patrice Lumumba, do Congo, que foi virtualmente eliminado pelas forças pró Ocidente de seu país. Sua morte foi desestabilizadora para Nkrumah, pois ele era um companheiro de lutas que queria a libertação do Congo Belga do estrangulamento, mas acabou sendo estrangulado. Abubakar Tafawa Balewa, um ávido crítico de Nkrumah, nunca teria acreditado que a guerra civil nigeriana acabaria o consumindo. Nkrumah previu isto, porém Tafawa Balewa foi inocente ao analisar isto. Nkrumah defendeu avidamente um Governo de União para a emancipação econômica, social e política da África (Wapmuk 2009, 645; Olaosebikan 2011, 218; Gassama 2008, 6). Ele era enfático que nenhum país africano independente poderia se desenvolver sem uma unificação política completa do continente para seu benefício coletivo (Kumah-Abiwu 2013; Mei 2009; Abbas; Kimaryo 2013, 15). Ele era relutante contra países africanos se juntarem a alianças militares e contra

o estabelecimento de bases militares e o teste de armas nucleares em solo africano (Afari-Gyan 1991, 6), dado que colocaria os africanos à mercê dos países europeus.

Kwame Nkrumah também argumentou a favor da Personalidade Africana que deveria libertar a África de seus laços culturais com a Europa e a América. Ele defendeu o pan-africanismo através de uma visão de governança baseada no mundo negro, ou seja, na unidade do povo negro ao redor do mundo. Com isso, ele ganhou suporte para a guerra contra o racismo e a segregação, que ainda resiste nos Estados Unidos e no resto do mundo. Nkrumah também enfatizou a necessidade de autonomia cultural e autoestima pessoal dos negro onde quer que estivessem (Frimpong 2012, 41). Seus pensamentos acerca do pan-africanismo foram claramente elaborados em seus livros, especialmente em *Neocolonialismo: Último Estágio do Imperialismo*. Neste livro, ele denunciou as atividades exploratórias de companhias multinacionais, a dependência dos países africanos em relação à ajuda externa, que prendia os países africanos a ela, aumentava sua dívida externa e colaborava para o crescimento da pobreza de seu povo. Ele queria que a África buscasse uma maior integração econômica e política para superar esses fardos (Quist-Adade e Chiang 2012, 3; Gassama 2008, 333-38). Nkrumah acreditava firmemente que as companhias multinacionais e instituições ocidentais na África estabeleciam o estrangulamento econômico em suas economias, que não era de interesse de seu povo (Biney 2012, 128). Schittecatte (2012, 58) classifica a visão pan-africanista de Nkrumah, também refletida no que ele esperava para a Gana, em três: (i) o ganho de independência política e, ainda mais importante, econômica para Gana e o continente; (ii) a habilidade de os novos países independentes da África se desvencilharem de seus mestres coloniais antigos e dos neocoloniais novos; e, finalmente, (iii) a força e viabilidade de um continente africano unificado. Kwame Nkrumah, como visionário que era, também alertou à elite potencial da colisão com os interesses externos, que daria voz às massas africanas que nunca seriam agentes ou parceiras do neocolonialismo como esta elite (Schittecatte 2012, 61). Por outro lado, Doodoo (2012, 86) identifica os três principais objetivos de Nkrumah em sua visão pan-africana da integração política da África. O primeiro era a integração continental em uma escala continental; então uma estratégia militar e de defesa do

solo, mar e ar unificada, bem como uma política externa comum para todos os países africanos. Estas ideias tiveram suporte entre algumas pessoas no tempo de Nkrumah e também depois dele.

A aceitação da visão de Nkrumah

Os ideais de Kwame Nkrumah sobre pan-africanismo, ainda que muito profundos e rejeitados por muitos de seus contemporâneos, ainda possuem lugar nos corações de muitas pessoas e instituições durante o período colonial e depois dele. Estas ideias estão sendo citadas novamente e também estão recebendo maior significado hoje por aqueles que verdadeiramente desejam ver a África se tornar um único continente, como os Estados Unidos da América e boa parte da Europa por meio da União Europeia (UE). Um dos principais afro-americanos que apoia a ideia de Nkrumah acerca da ideia dos Estados Unidos da África é Molefi Kete Asante. Como um defensor ávido do pan-africanismo, Asante (2012, 12) diz que os Estados Unidos da África preservariam seus recursos por meio de uma política externa comum e um mercado continental integrado. Isto se alinha com a visão de Nkrumah antes e depois da independência dos países africanos. Há exploração arbitrária dos recursos africanos por parte de empresas ocidentais com nenhum comando central para melhor negociar ou mobilizar o capital humano necessário para a exploração desses recursos em benefício da África. Uma política externa comum e um mercado continental integrado irá livrar a África de opiniões divergentes quando se trata de questões internacionais maiores relacionadas à economia, o suporte principal de qualquer povo para prover as necessidades básicas da comunidade.

Entre os mais recentes adeptos da visão pan-africanista de Nkrumah acerca da unidade continental estão Sékou Touré, da Guiné, Keita, do Mali, e Ahmed Ben Bella, da Argélia (Adi e Sherwood 2003, ix). Em oposição à ênfase de Julius Nyerere acerca do fortalecimento de grupos regionais como o primeiro passo para o pan-africanismo, Ahmed Sékou Touré, da Guiné, compartilha da ideologia de Nkrumah sobre uma união continental. Em 23 de novembro de 1958, pouco após a independência da Guiné da França, Touré e Nkrumah assinaram um acordo informal que buscava a criação da união dos Estados africanos ocidentais e solidificaram seus esforços pan-africanistas no Acordo de

Conakri em 1º de maio de 1959 (Wilburn 2012, 38; Lawson 2004, 123). Esse núcleo de uma união, caso buscado, teria visto a união africana defender a si mesma da dominação e exploração ocidental. Mais tarde, após um encontro em Accra, de 27 a 29 de abril de 1961, os presidentes da Gana, Kwame Nkrumah, da Guiné, Sékou Touré, e do Mali, Modibo Keita, assinaram uma carta, a qual estabelecia formalmente uma tripartida União dos Estados Africanos. Esta carta entrou em vigência simultaneamente à sua publicação em 1º de julho nas capitais de Gana, Guiné e Mali, após o encontro de seus líderes em Bamako, Mali, em 26 de junho, para examinar a dimensão alcançada pela implementação de tais decisões após sua reunião de abril em Accra. A carta evoluiu a partir de uma decisão anunciada pelos três líderes em Conakry, Guiné, em 24 de dezembro de 1960; eles imaginaram uma representação diplomática comum e a criação de comitês para montar arranjos de harmonização das políticas econômicas e monetárias de seus países (DeLancey 1966).

Outra pessoa que comprou a visão de Kwame Nkrumah sobre a unidade continental e que foi assassinada com a conivência francesa e americana foi o Coronel Muamar Qaddafi, da Líbia. Seguindo o caminho de Nkrumah, Qaddafi fez discursos e sofreu o mesmo destino de rejeição e frustração que Nkrumah, porém, ao contrário dele, foi assassinado. Assim como Nkrumah, Qaddafi argumentava que era necessário ter uma posição econômica, política, social e ideológica em relação ao avanço da África. Ele via a união africana como um prenúncio de estabilidade, segurança e independência. Isto porque ela levaria ao investimento de quantias enormes de dinheiro, as quais melhorariam as vidas de muitos africanos pobres. Foi esse pensamento que fez Qaddafi levantar novamente a ideia de um Governo de União – iniciada por Nkrumah – em um encontro extraordinário da OUA em sua cidade natal Sirte, na Líbia, em 9 de setembro de 1999 (Muchie 2000, 7; Sturman 2007, 6). Ele reafirmou isto durante a 4ª sessão ordinária da Assembleia dos Chefes de Estado e Governo em Abuja, nos dias 30 e 31 de janeiro de 2005. Então, no fechamento da Reunião de Kampala da UA, em 27 de julho de 2010, Qaddafi, entre outras coisas, disse que “nós estamos nos aproximando da formação da Autoridade Africana cada vez que resolvemos os problemas africanos e nos movemos em direção à paz e à unidade”. Em outra reunião da UA em Sirte, em julho

de 2005, Qaddafi apresentou avidamente a urgência dos Estados Unidos da África nestas palavras:

Nós autorizamos outros de fora da África a reduzir nossa soberania e intervir em nossos assuntos internos, porém não aceitamos o mesmo em nome da unidade africana. Quando falamos em unidade africana, dizemos não, alegando que ela entra em conflito com nossa soberania nacional... Ainda assim, somos preparados para conceder nossa soberania a potências estrangeiras. Nós aceitamos isso, dizendo que esta é a maneira que as coisas funcionam no nosso tempo, porém, quando falamos de conceder parte de nossa própria soberania para a União Africana, dizemos que não: a nossa soberania é algo importante demais para comprometermos (Sturman 2007, 7 - ênfase do autor).

Pelo excerto do discurso acima, fica claro que Qaddafi gozava daqueles que afirmavam ser a favor da unidade africana quando, na verdade, não aceitariam um Governo de União em defesa de sua soberania, porém, quando potências estrangeiras eram envolvidas, eles se esqueceriam de sua soberania. Há, na verdade, muitos líderes assim na África, que agem como zumbis, sempre à mercê dos países ocidentais. Qaddafi, mais do que nunca, defendeu incessantemente os Estados Unidos da África, compostos por uma presidência e um parlamento, e o “Alto Comando” Militar da África (Asante 2012, 18; Mei 2009). Outro fiel crente da unidade africana era Abdoulaye Wade, o ex-presidente do Senegal que disse que, caso todos os países africanos concordassem com a unidade continental, ele ficaria feliz em ser o “governador” de Senegal nesta união (Asante 2012, 18; Dastile e Ndlovu-Gatsheni 2013, 129; Wapmuk 2009, 647). Muitos nunca consideraram abrir mão de sua posição como presidentes – e todo o glamour que vem junto do cargo – para se tornarem governadores de uma região da África unida. Eles apoiam a unidade política da África não para o benefício de todos, e sim para seu egoísmo.

Há outros afro-otimistas de todas as esferas da vida que aceitaram as ideias de Nkrumah acerca de unidade da África. Eles estão, entre outros fatores, impulsionados pelas consequências negativas do colonialismo e pelos mais de 500 anos de vestígio da escravidão, colonialismo e neocolonialismo. Ademais, o presente sistema econômico mundial é tão assimétrico que a África não está se beneficiando dele pois seus países não cooperam para trabalhar em equipe. Os af-

ro-otimistas argumentam que a unidade africana é possível em razão da sua agência de criatividade que pode contribuir para a superação de seus problemas (Quist-Adade e Chiang 2012, 2). Além disso, a forte demanda hoje dos pan-africanistas e das forças progressivas por mais que uma ordem econômica mundial igualitária alinha-se com a visão de Nkrumah sobre a África e o mundo (Quist-Adade and Chiang 2012, 135). Esta visão da África agindo mais como um continente, e não como um conjunto de países. em resposta aos acontecimentos globais foi novamente levantada pelo Rev. Leon Howard Sullivan ao se dirigir às pessoas em um Encontro Africano/Afro-americano em Abidjan, 1991, muitos anos após a morte de Nkrumah, Durante essa assembleia de agosto, o venerado clérigo disse que ele previa o renascimento da África como um continente (Dodoo 2012, 78). Sua fala foi profética e poderia ser vista como um chamado para o povo africano se unir e lutar contra a segregação racial não apenas na África, como também no mundo inteiro, principalmente na América e Europa. Nkrumah se posicionava contra o racismo em qualquer lugar do mundo, especialmente contra pessoas da raça negra.

Muitas outras pessoas e organizações fizeram declarações e esforços que veneram Nkrumah como alguém que tinha uma extraordinária força de mobilização do povo africano em torno da unidade. O experimento de uma África Ocidental unida pela Comunidade Econômica dos Países da África Ocidental se aproxima do tipo de unidade que a África deveria perseguir enquanto continente (Dodoo 2012, 86). Enquanto estudante nos EUA, Nkrumah chamou atenção para a unificação da África Ocidental como um primeiro passo para a unidade africana, e, se a CEDEAO ainda pretende atingir este objetivo, ela está no caminho certo em direção à unidade regional. Além disso, Dodoo (2012, 89) argumenta que, mesmo que Adu Boahen, um historiador ganês, fosse um ávido crítico de Nkrumah, ele ainda reconheceu que o autor o inspirou e acelerou a revolução anti-imperialista e anticolonial de tal maneira que ela atingiu à totalidade da África. Esse autor também destaca os esforços dos afro-americanos para organizar e prover assistência à África, pois assim seu povo poderia acordar ou então caminhar caso já estivesse acordado. O Prof. Agyeman Badu Akosa, presidente da Fundação Kwame Nkrumah, também argumenta que os africanos somente poderão se tornar autossuficientes e reconquistar

sua dignidade caso se unam e deem um fim a todas as atividades neocoloniais. Em 1960, antes da formação da OUA em 1963, o imperador Haile Selassie, da Etiópia, apoiou fortemente a visão de Nkrumah acerca do pan-africanismo. Ele disse que “uma União dos Estados Africanos é uma necessidade que deve ser perseguida energeticamente pelo interesse da solidariedade e segurança africana” (Olaosebikan 2011, 222). Três anos depois, durante a formação da OUA, o imperador disse que os líderes africanos deveriam “despertar o gigante adormecido da África, não para o nacionalismo europeu no século dezenove, não para a consciência regional, mas para a visão de uma única irmandade africana” (Sturman 2007, 4). Shivji (2009, 8), de sua parte, apoiou a visão pan-africanista sobre a unidade política continental e a integração econômica, porém que ela poderia ser alcançada a nível regional quando guiada por uma visão pan-africanista. Estas declarações são todas alinhadas com a visão de Nkrumah em relação aos africanos, especialmente quando ele enfatizou que a África deveria se unir e disse que, caso o povo não juntasse seus esforços, as forças neocoloniais iriam separá-lo ou forçá-lo a lutar enquanto elas assistem e drenam todos seus recursos.

Se nada mais, as pessoas concordam que as políticas de mobilização em massa de Kwame Nkrumah foram uma arma efetiva na luta política pela libertação da África; sua percepção visionária e as lutas revolucionárias marcaram o continente. Movimentos revolucionários na África do Sul, tais como SWAPO, FRELIMO e ZANU-PF, aprenderam uma lição a partir das habilidades de mobilização de Nkrumah em suas próprias lutas pela independência. Os nacionalistas pan-africanistas estavam orgulhosos do papel da Gana na revolução africana e esperavam que, assim como a Gana de Nkrumah, outros Estados do continente se dedicassem a virar zonas de libertação pan-africana (Poe 2003, 25). Isso foi um claro reconhecimento e apoio aos esforços de Kwame Nkrumah em direção à unidade do continente africano. Um dos combatentes pela libertação que libertaram a Namíbia do Apartheid, o líder Sam Nujoma, disse certa vez:

A luta de Gana por liberdade inspirou e influenciou a todos nós, e a maior contribuição para nossa consciência política na época veio das conquistas do país após sua independência. *Foi de Gana que aprendemos a ideia de que devemos fazer mais do que apenas apelar à ONU que estabeleça nossa própria*

independência (Frimpong 2012, 69 - ênfase do autor).

A inspiração que Gana deu a combatentes pela libertação por toda a África era graças à visão pan-africanista de Nkrumah. Ele havia dito que a independência de Gana seria incompleta se outros países africanos, como a Namíbia e a Rodésia do Sul, não se libertassem. Isso foi reconhecido por Sam Nujoma, o combatente que levou este país da África Austral à independência. De maneira similar, Kenneth Kaunda, o primeiro presidente da Zâmbia independente, disse que “Nkrumah inspirou a tantos povos da África em direção à sua independência e foi um grande defensor da libertação da África Austral do Apartheid e do racismo” (Frimpong 2012, 69-70).

A visão de Nkrumah relativa a um órgão continental com grandes poderes foi comprada pela UA. Em julho de 2009, a UA emitiu uma “Declaração sobre a Celebração do 100º Aniversário de Kwame Nkrumah”. Este documento o glorificava como o defensor do pan-africanismo que teve papel fundamental no estabelecimento de uma organização continental e na libertação da África do poder colonial (Quist-Adade 2012, 6; Olaosebikan 2011, 218). Isto foi um reconhecimento aberto dos ideais pelos quais Kwame lutou e defendeu até sua morte. A UA havia reconhecido abertamente e aceitado esta visão como boa para a África caso o continente precisasse progredir em relação ao desenvolvimento político e socioeconômico. Esse reconhecimento faz mais sentido em um momento em que os cerca de cinquenta e três países africanos são o que Quist-Adade (2012, 9) se refere a como “disparate, não viável... hoje”. Em grande reconhecimento do legado de Nkrumah para o pan-africanismo, em 2012 a UA nomeou sua nova sede em Addis Ababa em sua homenagem. Isto foi por causa de sua postura incessante em relação à unidade africana e seu comprometimento para lutar contra a subjugação colonial (Frimpong 2012, 70). Este tipo de cenário teria sido evitado caso os países africanos escutassem o sábio conselho de Nkrumah. Eles o reconhecem agora, quando as teias do neocolonialismo já os enrolaram a um ponto não suportável.

Um dos contemporâneos e mais firmes oponentes de Nkrumah era Julius Nyerere, da Tanzânia, que, porém, veio a reconhecer e aceitar a posição do autor anos após sua morte. Em uma de suas falas durante o 7º Congresso Pan-Africano de 1977, que também coincidiu

com o 40º aniversário da independência de Gana, Nyerere disse: “nós, da primeira geração de líderes da África independente, não alcançamos o objetivo da Unidade Africana com o vigor, comprometimento e sinceridade que merece. Ainda assim, isto não significa que a unidade é agora irrelevante” (Dastille e Ndlovu-Gatsheni 2013, 128). Uma interpretação mais profunda deste discurso mostra que Nyerere passou a acreditar em uma maior unidade, ideal que não acreditava da maneira que Nkrumah havia sugerido primeiramente. Ele era um defensor do gradualismo, porém, em 1997, reconheceu que este não havia levado à unidade que a África precisava mais do que nunca. Isto explica por que Nyerere disse que, só por não terem se comprometido a ela antes, não quer dizer que a unidade não era uma necessidade. Ele estava, em outras palavras, chamando as pessoas a alcançarem-na com maior afinho e compromisso que muitos deles fizeram durante os períodos colonial e pós-independência.

Ali Mazrui deu crédito a Nkrumah por estabelecer a agenda para a unificação continental da África. Ademais, ele argumenta que ninguém mais deu caso para a integração do continente da maneira que Nkrumah o fez. Mazrui sustenta que, através dos livros de Nkrumah, suas ideias continuaram a influenciar a noção de integração continental para a África (Kumah-Abiwu 2013, 123). Isto pode ser considerado uma das maiores contribuições de Nkrumah a ser reconhecida até por seus mais ávidos críticos. Eles estão conscientes de que, ao passar do tempo, as pessoas leem seus trabalhos e olham para o que está acontecendo na África hoje, vendo nestes trabalhos a necessidade de identificarem-se com o que Nkrumah disse há muitas décadas atrás. É chegada a hora de ir além da identificação, em direção a um Governo de União para a África. No curto prazo, ele pode até não prover muitas das soluções para os problemas do continente, porém, no futuro, será de muito bom uso.

A Gana pós-Nkrumah o criticou pelas desgraças econômicas e sociopolíticas do país. Líderes após líderes tentaram enfraquecer tudo aquilo que Nkrumah fez por Gana antes e depois da independência. Interessantemente, durante o período radical no país, no início dos anos 80, Nkrumah e sua filosofia de unidade foram revitalizados com a luta por uma revolução africana. O governo de Gana explorou sua imagem e seu legado com o propósito de unir Gana e promover o pan-african-

ismo (Iljima 1998, 171). Quem imaginaria que, em menos de duas décadas, as autoridades ganesas dariam tanta atenção, honra e respeito a Kwame Nkrumah, que foi “vomitado” pelos militares em um golpe de estado pacífico. Esta fase passou e revelou que as ideias de Nkrumah penetraram as mentes e até os corações de seus maiores críticos no país. Mesmo que Gana seja vista como um modelo para muitos países africanos, ela não escapou das investidas do Ocidentes quanto à exploração de seus recursos.

Os músicos africanos não são indiferentes à visão pan-africanista de Nkrumah. O autor defendeu o orgulho das culturas, histórias e povos da África e de seus descendentes. Essa visão foi concretizada por músicos como Fela Kuti, da Nigéria, e Bob Marley, da Jamaica. Ela também foi criativamente apropriada por escritores das novas gerações, como Chimanda Ngozi Adichie, que estão constantemente negociando e navegando por entre essa miríade de identidades marginais, como simbolizadas pelo presidente dos Estados Unidos, Barack Obama (Nyamnjoh e Shoro 2011, 4). Apesar da aceitação e valorização das ideias de Nkrumah sobre pan-africanismo, elas foram e ainda são refutadas em alguns círculos, o que faz a unidade pan-africana continuar uma miragem em um momento em que é mais necessária.

Rejeição da visão de Nkrumah

A visão pan-africanista de Nkrumah, por mais atraente e realística que possa ser hoje na África, que está arrasada, tem sido persistentemente contrariada por forças divisivas e antiunitárias dentro e fora do continente. Ainda há pessoas hoje, como no tempo de Nkrumah, que demonstraram sentimentos bastante contrários aos Estados Unidos da África. Eles argumentam que o continente é muito grande e diverso para ser unido, e que também existem muitos idiomas. Acima de tudo, eles acreditam que os países europeus não permitirão isto de acontecer, pois significaria a perda de controle sobre suas ex-colônias. Outros ainda insinuam que negros e árabes não podem viver juntos no continente, e que Qaddafi, como Nkrumah, queria ser o presidente dos Estados Unidos da África (Asante 2012, 18-19). Eles definem a África em termos de cor quando falam de negros e árabes. Os “gradualistas”, desde os tempos de Julius Nyerere, se opuseram aos “rapidistas”

na ideia de unidade continental. Isso porque estão mais preocupados com a falsa ideia de perda de soberania. De acordo com eles, a integração econômica deveria vir antes da política, visão oposta à de que o convite à união política é por si um meio de integração econômica (Asante 2012, 20). Os afro-pessimistas desqualificam o pan-africanismo como utópico e irrealizável. O debate, que trouxe maior visibilidade ao continente por Nkrumah, tem sido agravado por estas visões “anti-unificacionistas”. Infelizmente, muitos deles estão na direção de seus Estados e falam sobre soberania somente quando se trata da unidade política da África. Em seus acordos com a Europa Ocidental, os Estados Unidos e, hoje, China, eles são praticamente roubados de sua assim chamada soberania. Este pensamento, em um tempo que todos os africanos, incluindo aqueles da Diáspora, deveriam estar se unindo, nos leva à questão: qual é a melhor maneira de governo continental que seria aceitável para todos? Alguns defendem a unidade política, outros a soberania e outros, ainda, uma federação regional (Quist-Adade e Chiang 2012, 2 e 6; Shivji 2009, 4; Wilburn 2012, 37). O regionalismo e a soberania falharam com a África em sua luta por um Governo de União, logo, a decisão lógica e sábia a ser tomada seria a promoção da unidade política.

Depois da independência de muitos países africanos, ao invés de juntarem suas forças, muitos líderes se opuseram ao chamado de Nkrumah para os Estados Unidos da África. Enquanto Gana incentivava a união política do continente, a Nigéria, por exemplo, resistia fortemente a ela. Países como Nigéria, Senegal, Benin, Tunísia, Quênia, Tanzânia e muitos outros Estados francófonos se contentaram em manter relações estreitas com os países do Ocidente. O presidente da Tanzânia, Julius Nyerere, preferiu a abordagem gradualista de pan-africanismo. Ele deu ênfase aos dilemas e problemas que se colocam contra a unidade pan-africanista e criticou Nkrumah por tratar a unidade política do continente como mera propaganda. A unidade da África era agravada pela emergência de diferentes blocos, como Casa-blanca, que desejava a união política, e Brazzaville e Monróvia, que se preocupavam com sua soberania e com a manutenção dos laços com suas ex metrópoles coloniais. Os países francófonos, principalmente, argumentaram que o tempo não havia amadurecido uma organização pan-africana. Enquanto os Estados mais radicais como Etiópia, Guiné e

Mali pertenciam a Casablanca e apoiavam Nkrumah na luta pela união política, os Estados mais moderados como Costa do Marfim, Libéria, Tongo, Benin, Serra Leoa e Nigéria, de Monróvia, acreditavam que a cooperação econômica era a melhor maneira de atingir a unidade africana (Dastile e Ndlovu-Gatsheni 2013, 121-3; Wapnuk 2009, 646; Kumah Abiwu 2013, 123; Mei 2009; Olaosebikan 2011, 218; Akonor). Em uma forte expressão do descontentamento com uma união política da África, o presidente de Benin, Sourou-Migan, entre outras coisas, disse:

Meu governo sente, no entanto, que seria sábio manter por certo tempo a concepção liberal de flexibilidade ou organização de nossa conferência. Nós deveríamos também *nos abster de dar um caráter supranacional* aos órgãos configurados por ela. A cautela demanda que a OUA se mantenha no presente como uma organização multinacional (Olaosebikan 2011, 223 - ênfase do autor).

De maneira similar, o primeiro ministro da Nigéria, Abubakar Tafewa Balewa, argumentou avidamente contra a unidade política da África nas seguintes palavras:

A posição da Nigéria é que, caso desejemos a unidade da África, devemos primeiramente concordar em certos elementos essenciais. O primeiro é que *os Estados africanos devem respeitar uns aos outros*. Deve haver *aceitação da igualdade* entre todos os Estados. Não importa se são grandes ou pequenos, eles *são todos soberanos e sua soberania é soberania* (Olaosebikan 2011, 223 - ênfase do autor).

Os excertos do presidente de Benin e do primeiro ministro da Nigéria revelam uma forte oposição à unidade política. Sourou-Migan alertou que a OUA não deveria ser transformada em uma estrutura supranacional, e Tafewa Balewa ressaltou a igualdade e soberania de todos os países. Em uma aparente referência a Nkrumah, ele falou sobre a necessidade de os Estados terem respeito uns pelos outros. Isso poderia ser entendido com base em um discurso feito anteriormente, em junho de 1960, na Etiópia, durante a Conferência dos Estados Africanos Independentes (CEAI) pelo líder da delegação nigeriana Yusuf Maitima Sule. Sule declarou que “se alguém comete o erro de achar que é o Messias, que tem a missão de guiar a África, temo que todo o propósito do pan-africanismo será derrotado” (Biney 2011, 139). O presidente do Senegal, Leopold Sedar Senghor, publicamente criticou

Kwame Nkrumah por seu apoio à unidade política, aconselhando-o a aceitar a derrota. Foi este tipo de pensamento e comportamento, que foi novamente ecoado por Qaddafi quando ele desafiou os Estados a se posicionarem acima de sua soberania, que fez com que o sonho de Nkrumah permanecesse um sonho na África do século XXI.

Enquanto a UA como órgão continental é um avanço por si só, ela continua sendo uma organização intergovernamental bastante distante dos Estados Unidos da África como idealizados por Nkrumah antes e depois da independência e por Qaddafi na virada do século XXI (Mei 2009). Para ridicularizar tudo pelo que Nkrumah lutou contra, a Nova Parceria para o Desenvolvimento da África (NEPAD), idealizada pela UA, ainda está ligada ao Ocidente. Por meio da NEPAD, a matriz colonial de poder continua ativa ao moldar falsas parcerias que não funcionam na prática. Os propositores da NEPAD não aprenderam nada com a insistência de Nkrumah em relação à ameaça que o neocolonialismo representava para a África, principalmente em sua luta para controlar o próprio destino (Dastile e Ndlovu-Gatsheni 2013, 129). A UA também promove um modelo de desenvolvimento baseado na democracia liberal e nos princípios de mercado (Frimpong 2012, v). Esta é uma ruptura fundamental e radical em relação ao pensamento de Nkrumah, bem como uma rejeição de sua filosofia acerca do pan-africanismo.

Na luta pelo pan-africanismo, Nkrumah teve opositores em seu próprio país, Gana, e também em países parceiros. Os nacionalistas ganeses argumentaram que ele estava utilizando os recursos do país ou os esbanjando para transformar Gana em uma base para a revolução africana. Alguns regionalistas no país se opuseram violentamente a um governo central pan-africano, pois ameaçaria a soberania do seu país e inclusive seus próprios interesses (Poe 2003, 35). Muitos governantes e seus conselhos acreditavam que uma Gana independente iria restaurar o poder étnico no lugar de um governo, e esta visão era conflituosa com o caminho de unidade africana que Nkrumah havia escolhido. O argumento era que, antes que ele pudesse criar uma nação pan-africana, ele precisava resolver as divisões regionais e étnicas que assolavam a sociedade ganesa (Lawson 2004, 113). Seus companheiros, como Sékou Touré, da Guiné, Modibo Keita, do Mali, e Abd Al-Nasser, do Egito, nem sempre estavam alinhados com seu pensamento. Eles nem sem-

pre concordavam com suas posições, ainda que não demonstravam isto violentamente (Poe 2003, 35). Isso mostra que as forças contra Nkrumah vinham também de dentro de seu país e no seu círculo de amigos próximos. Logo, o sonho da unidade política continental era um sonho distante a ser atingido naquela época. Essa valorização dos “micro interesses” acima do bem coletivo dominou as lideranças africanas de tal modo que será necessária uma nova e radical geração de líderes para colocar o interesse da África e o sofrimento das massas acima do próprio interesse. O continente precisa da unidade política para lutar todas as guerras que enfrenta dentro e fora de suas fronteiras. A convocação de Nkrumah ainda ecoa sobre a África, convidando seus líderes a agirem enquanto o sol ainda brilha.

Conclusão

Este artigo examinou a aceitação e a rejeição da visão pan-africana proposta por Kwame Nkrumah antes e depois da independência de muitos países africanos nos anos 60. O trabalho foi iniciado com uma introdução e então passou a examinar as diferentes visões acerca das melhores maneiras pelas quais o pan-africanismo poderia se tornar uma realidade para os africanos e também seus descendentes. Estas noções são originadas do passado. Enquanto alguns autores traçaram a visão pan-africanista para muitos anos antes do nascimento de Jesus Cristo, outros argumentaram que o pan-africanismo iniciou com o comércio de escravos entre a África e o mundo árabe, primeiramente, e depois entre a África e a Europa Ocidental. O período colonial também é destacado, visto que contribuiu para o desenvolvimento das ideias pan-africanistas entre os africanos, principalmente entre aqueles descendentes da Diáspora. As diferentes visões acerca do pan-africanismo são uma clara indicação de quão diversos são os africanos, mesmo que em relação à melhor maneira de expressar uma posição comum que contribuirá para a independência dos Estados africanos da “invasão” da Europa e dos Estados Unidos da América.

Focou-se também na visão de Kwame Nkrumah, bem como ela foi e é reconhecida e aceita como a maneira de salvar a África do desmembramento. As primeiras tentativas de tornar a unidade política uma realidade foram feitas por Nkrumah e pelos líderes da Guiné e

do Mali. Suas ideias também foram compradas por escritores, músicos, Muamar Qaddafi, a UA e outros. Os céticos que viram na visão pan-africanista de Nkrumah um sonho, estão começando a perceber a necessidade de uma unidade africana mais do que nunca, em razão da destruição que o continente testemunha hoje. Os recursos da África são explorados e depois completamente abandonados; os países europeus intervêm e agravam ainda mais os problemas de Estados frágeis como o Mali, a Costa do Marfim e a Líbia.

Por mais que as ideias de Nkrumah tenham encontrado um solo fértil dentro de alguns círculos, ela também foi extremamente rejeitada em outros. Os afropessimistas estão mais preocupados com resguardar a integridade territorial dos Estados africanos. Eles também apontam para a diversidade de idiomas e para as experiências históricas que vão tornar quase impossível o alcance dos Estados Unidos da África. Seus argumentos falham ao não considerar o fato de que o regionalismo e a soberania não ajudaram a África a desenvolver-se e defender o bem coletivo. Está mais do que na hora de a união política, como a pensada por Nkrumah, ser posta em prática, pois assim os africanos terão a oportunidade de comparar esses elementos e chegar às próprias conclusões em relação a qual deles obteve maior sucesso.

REFERÊNCIAS

- Abbas, Hakima. "Preface-Towards a Continental Government?" *Pambazuka News*. Acesso em 14 de novembro de 2015. <http://www.pambazuka.org>
- Addi, Hakim, e Marika Sherwood. 2003. *Pan-African History: Political Figures from Africa and the Diaspora since 1787*. London: Routledge.
- Afari-Gyan, Kwadwo. 1991. "Kwame Nkrumah, George Padmore and W.E.B. Du Bois." *Research Review* 7, 1 e 2: 1-10.
- Akonor Kwame. "Stuffing Old Wine in New Bottles?" *Pambazuka News*. Acesso em 14 de novembro de 2015. <http://www.pambazuka.org>
- Asante, Molefi Kete. 2012. "The Character of Kwame Nkrumah's United Africa Vision." *The Journal of Pan African Studies* 4 (10): 12-25.
- Biney, Ama. 2011. *The Political and Social Thought of Kwame Nkrumah*. New York: Palgrave Macmillan.
- Biney, Ama. 2012. "The Intellectual and Political Legacies of Kwame Nkrumah."

- mah." *The Journal of Pan African Studies* 4 (10): 127-142.
- Bujra, Abdalla. 2002. "Africa: From OAU to the African Union." *Cooperation South* 108-124.
- Campbell, Horace. 1988. "Rastafari as Pan Africanism in the Caribbean and Africa." *African Journal of Political Economy* 2 (1): 75-88.
- Che-Mponda, Aleck Humphrey. 1987. "Charter of the Organisation of African Unity and Problems of African Unity." *African Study Monographs* 7: 53-63.
- Dastile, Montyatyambo Pearl e Sabelo J. Ndlovu-Gatsheni. 2013. "Power, Knowledge and Being: Decolonial Combative Discourse as a Survival Kit for Pan-Africanists in the 21st Century." *Alternation* 20 (1): 105-134.
- Dei, George J. Sefa. 2012. "Reclaiming our Africanness in the Diasporised Context: The Challenge of Asserting a Critical African Personality." *The Journal of Pan African Studies* 4 (10): 42-57.
- DeLancey, Mark W. 1966. "The Ghana-Guinea-Mali Union: A Bibliographic Essay." *African Studies Bulletin* 9 (2): 35-51.
- Dodoo, Vincent. 2012. "Kwame Nkrumah's Mission and Vision for Africa and the World." *The Journal of Pan African Studies* 4 (10): 78-92.
- Frimpong, Prince Kwasi Bediako. 2002. "Nkrumahism and Neo-Nkrumahism." Tese de mestrado, University of Louisville.
- Gassama, Ibrahim J. 2008. "Africa and the Politics of Destruction: A Critical Re-examination of Neocolonialism and its Consequences." *Oregon Review of International Law* 10 (2): 327-360.
- Iijima, Michio. 1998. "Developing Charisma: Nkrumah as a "Cargo" Benefactor in Ghana." *African Study Monographs* 4: 171-185.
- Kimarya, Leons. 2013. "Africa's Rocky Road to Continental Unity. Workshop to Commemorate 50 Years of OAU/AU," J.K Nyerere Hall, MUCoBS, 24 de maio.
- Kumah-Abiwu, Felix. 2013. "Rethinking the Ideas of Pan-Africanism and African Unity: A Theoretical Perspective of Kwame Nkrumah's Leadership Traits and Decision Making." *The Journal of Pan African Studies* 6 (6): 122-142.
- Lawson, Autumn Anne. 2004. "Kwame Nkrumah's Quest for Pan Africanism: From Independence Leader to Deposed Despot." Tese de mestrado, Acadia University.
- Mei, Anne Pieter van der. 2009. "The Ordeal of African Unity-Past, Present and Future of the African Union." Maastricht Faculty of Law Working Paper 2009-5.

- Momoh, Abubakar. 2003. "Does Pan-Africanism have a Future in Africa? In Search of the Ideational Basis of Afro-Pessimism." *African Journal of Political Science* 8 (1): 31-57.
- Muchie, Mammo. 2000. "Towards a Theory for Re-framing Pan-Africanism: An Idea whose time has Come." Research Centre on Development and International Relations, Aalborg University Denmark, Working Paper No. 83.
- Nyamnjoh, Francis B. e Katleho Shoro. 2011. "Language, Mobility, African Writers and Pan-Africanism." *African Communication Research* 4 (1): 35-62.
- Nyangena, Kenneth O. 2003. "Jomo Kenyatta: An Epitome of Indigenous Pan-Africanism, Nationalism and Intellectual Production in Kenya." *African Journal of International Affairs* 6, 1 e 2: 1-18.
- Olaosebikan, Aremu Johnson. 2011. "Kwame Nkrumah and the Proposed Africa Common Government." *African Journal of Political Science and International Relations* 5 (4): 218-228.
- Poe, D. Zizwe. 2003. *Kwame Nkrumah's Contribution to Pan-Africanism: An Africentric Analysis*. New York: Routledge.
- Quist-Adade, Charles. 2012. "Welcome Address at the Opening Ceremony of the Kwame Nkrumah International (KNIC) Conference." *The Journal of Pan African Studies* 4 (10): 5-11.
- Quist-Adade, Charles e Frances Chiang. 2012. "From Colonisation to Globalisation: The Political and Intellectual Legacies of Kwame Nkrumah." *The Journal of Pan African Studies* 4 (10): 1-4.
- Ratcliff, Anthony James. 2009. "Liberation at the End of a Pen: Writing Pan-African Politics of Cultural Struggle." Tese de doutorado, University of Massachusetts Amherst.
- Schittecatte, Catherine. 2012. "From Nkrumah to NEPAD and Beyond: Has Anything Changed?" *The Journal of Pan African Studies* 4 (10) :58-77.
- Shivji, Issa G. 2009. "Pan-Africanism and the Challenge of East African Community Integration." Paper at EAC 10th Anniversary Symposium, Arusha Tanzania, 13-14 de novembro.
- Sherwood, Marika. 2012. "Pan-African Conferences, 1900-1953: What did 'Pan-Africanism' Mean?" *The Journal of Pan African Studies* 4 (10): 106-126.
- Sturman, Kathryn. 2007. "'New Growth on Deep Roots:' Prospects for an African Union Government." ISS Paper 146.
- Wapmuk, Sharkdam. 2009. "In Search of Greater Unity: African States and

the Quest for an African Union Government.” *Journal of Alternative Perspectives in the Social Sciences* 1 (3): 645-671.

Wilburn, Kenneth. 2012. “Africa to the World! Nkrumah-era Philatelic Images of Emerging Ghana and Pan-Africanism, 1957-1966.” *African Studies Quarterly* 13, 1 e 2: 23-54.

RESUMO

Este artigo foca na visão pan-africana de Kwame Nkrumah, o primeiro presidente da Gana independente, e como ela tem sido avaliada ao longo do tempo. Nkrumah foi o maior defensor da unidade política da África, com vistas a livrar o continente da exploração ocidental e, então, construir um modelo auto-suficiente. Este artigo examina a divergência entre a aceitação e a rejeição de tal visão para a África através da análise do conteúdo de trabalhos escritos.

PALAVRAS-CHAVE

Pan-africanismo; Kwame Nkrumah; Unidade Africana.

*Recebido em 27 de junho de 2016.
Aprovado em 02 de agosto de 2016.*

Traduzido por Vitória Kramer